

REGINA CELI BALTAZAR CAMARGO

**VARIEDADES LINGUISTICAS X PRECONCEITO
LÍNGUISTICO: UMA QUESTÃO A SER
(RE)PENSADA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE MOEMA
JABOTICABAL-SP
2008**

REGINA CELI BALTAZAR CAMARGO

**VARIEDADES LINGUISTICAS X PRECONCEITO
LÍNGUISTICO: UMA QUESTÃO A SER
(RE) PENSADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Celso* em: Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientador: Prof.a. Janaína Lopes

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO MOEMA
JABOTICABAL-SP
2008**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo sentido da vida.

Aos abnegados professores tutores, que um dia aceitaram o desafio e apostaram na educação, porque sentiram que ela é realmente prioridade.

Dedico

Minha mãe e irmãos
Companheiros de todas as
horas Meu pai minhas
homenagens e saudades.

Não há uma língua mais correta do que outra, porque não há uma língua típica. No seu desenvolvimento, uma língua pode ser mais ou menos opulenta, porém, nunca mais ou menos correta. Não se trata, pois, de elogiar ou vituperar, a linguagem de Portugal ou a do Brasil. De resto, um povo fala e traja como quer (seria mais certo do dizer **como pode**) e os pedantes da língua se parecem com os pedantes da moda.

Darcília Simões (UERJ).

RESUMO

Ao falarmos em preconceito lingüístico estamos pisando em um terreno complexo, que envolve a linguagem materna, o regionalismo e a linguagem padrão, já que estamos inseridos em um ambiente onde o uso da linguagem é praticamente homogêneo. Como referência para o estudo lingüístico, que faremos apresentaremos conceitos da Lingüística Geral e discutiremos as causas e soluções para os problemas gerados pelo preconceito lingüístico. O preconceito contribui para a discriminação da parte significativa dos falantes e, conseqüentemente, contribui para sua exclusão da participação nos círculos relevantes do ponto de vista social, político e cultural. Por que isso acontece? O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisarmos o fenômeno das variações lingüísticas e, sobretudo, a questão do preconceito lingüístico aliado ao preconceito social. Desta forma, este trabalho tem como base uma reflexão crítica sobre a questão do “certo e do “errado” na língua portuguesa brasileira”,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. O PORTUGUÊS DO BRASIL.....	10
1.1 Expansão da Língua Portuguesa.....	11
1.2 Contribuições de outras línguas	12
1.4 Curiosidade da língua.....	13
2. VARIAÇÃO LÍNGÜÍSTICA	14
2.1 Por que "norma"? Por que "cultura"?.....	16
2.2 Por uma gramática do português brasileiro.....	17
3. O USO INDISCRIMINADO DA GRAMÁTICA.....	19
4. PRECONCEITO LÍNGÜÍSTICO.....	21
5. LINGUAGEM COMO MARCA SOCIAL.....	27
Considerações Finais	31
Referências.....	33

INTRODUÇÃO

Ao nos envolvermos com a língua, nós encontramos uma bifurcação: de um lado encontramos a norma culta nos dizendo o que devemos e o que não devemos falar, e nos marginalizando quando não a utilizamos; de outro, encontramos a própria língua nos guiando para outros usos seus. Vemos que, às vezes, ofuscados pela Gramática Normativa Tradicional, nós discriminamos a nós mesmos. Mas, essa discriminação se dá apenas em um nível lingüístico, ou vai mais além?

Ao falarmos em preconceito lingüístico estamos pisando em um terreno complexo, que envolve a linguagem materna, o regionalismo e a linguagem padrão. E o principal, estamos inseridos em um ambiente onde o uso da linguagem é praticamente homogêneo.

O interesse pelo assunto nasceu a partir da análise de que como estamos sendo bombardeados cada vez mais por regras gramaticais e "aulinhas" de "certo" e "errado" que tanto aparecem nos meios de comunicação, o que transformou a língua em fator predominante de exclusão, se a mesma não estiver de acordo com normas e regras.

Como referência para o estudo lingüístico, que faremos apresentaremos conceitos da Lingüística Geral e discutiremos as causas e soluções para os problemas gerados pelo preconceito lingüístico. O preconceito contribui para a discriminação da parte significativa dos falantes e, conseqüentemente, contribui para

sua exclusão da participação nos círculos relevantes do ponto de vista social, político e cultural. Por que isso acontece?

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisarmos o fenômeno das variações lingüísticas e, sobretudo, a questão do preconceito lingüístico aliado ao preconceito social. Desta forma, este trabalho tem como base uma reflexão crítica sobre a questão do “certo e do “errado” na língua portuguesa brasileira,

Para a realização deste trabalho, utilizaremos pesquisa bibliográfica, como livros, artigos, anúncios publicitários.

Para atingir os objetivos propostos, este trabalho será estruturado da seguinte forma: quatro (5) capítulos; Iniciando capítulo 1 : com um Breve Histórico sobre o Português do Brasil , bem como sua expansão; Contribuições de outras línguas; Domínio da Língua Portuguesa; Curiosidade da Língua; Capítulo 2 : Variação lingüística ; Por que “norma”? Por que “Culta”? ; Por uma gramática do Português Brasileiro; Norma (o)Culta, a gramática não culta; capítulo 3: O uso discriminado da Gramática; capítulo 4: Preconceito Lingüístico; 5: A Linguagem como Marca Social.

1. O PORTUGUÊS DO BRASIL

Segundo Câmara, (1979), muito embora o Brasil tenha sido descoberto por uma frota portuguesa no início do século XVI, foi somente em meados desse período que se deu a colonização e ocupação do nosso território. Isso ocorreu em virtude do declínio de Império Português oriental, a tomada se dava de modo rigoroso e firme, nesse momento os nativos de cultura rudimentar eram eliminados ou escravizados.

Na ocasião do descobrimento a porção litorânea do território descoberto era ocupado por tribos Tupi, Jê, Aruak, Karib, Pano, Maku, Tukano, Katukina, Guaikuru, etc, que mantiveram contato em momentos aleatórios com os descobridores. A primeira, contudo, é que mais influenciou o início da formação da língua, pois seu dialeto foi aprendido pelos brancos, o qual foi estudado, descrito normativamente e ensinados gramaticalmente pelos jesuítas, com o intuito de catequizar especialmente. Após o estabelecimento como língua geral, pois os povos que falavam outros dialetos o aprendiam com mais facilidade que o português.

Desse modo, o Tupi era a língua de intercurso, ou seja, a base da comunicação da época, até então, naquele momento o português serviu somente como superstrato, ou seja, exercia influência sobre a língua original que ali se mantinha, a língua lusa modificava principalmente a fonologia Tupi, fazendo com que nesse espaço de tempo coexistissem as duas línguas.

Há a influência, por ocasião do tráfico negreiro, com finalidade escravista, dos dialetos africanos. Espalhando-se pelos latifúndios e centros urbanos, eles desenvolveram o português crioulo, que os unia e se adaptaram com certa facilidade ao Tupi, dando ainda mais expansão à língua indígena.

Com a intensificação da vida dos portugueses e o do desenvolvimento de valores culturais europeus houve o declínio e, logo após, a extinção da existência concomitante das duas línguas, com o mantimento apenas do português, que com a influência da realidade lingüística e cultural da época, sofreu grandes transformações da forma padrão, firmando divergências entre a língua escrita e literária das duas terras. E é dessa distância e distinção entre os dois países que resulta a discrepância verificada, não devendo ser explicada por um suposto substrato Tupi ou profunda influência africana.

1.1 EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O período compreendido entre os séculos XII e XVI corresponde á frase arcaica do português histórico. Nesse período encontra-se numerosa produção em língua portuguesa representada pelos primeiros documentos, pela prosa das novelas de cavalarias, das crônicas de Fernão Lopes e pôr toda a poesia trovadoresca.

A partir do século XV Portugal apresenta uma total unidade lingüística e o português se sobrepõe como representativa de uma nação e de um povo, completamente libero de quaisquer resquícios galegos. Essa época corresponde também à notável expansão da língua portuguesa, graças à intrepidez dos grandes navegadores lusos (Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral), que junto ás conquistas portuguesas, levaram sua línguas ás mais longínquas partes do mundo.

Espalhada pôr vários lugares, a línguas portuguesas se impôs completamente em alguns, como Brasil, e em outros concorre com dialetos originados por isso falares como os do tipo crioulo, que nada mais são que um tipo de linguagem criado para a mútua compreensão no estabelecimento de relações comerciais. Câmara, (1979).

1.2 CONTRIBUIÇÕES DE OUTRAS LÍNGUAS

A língua portuguesa recebeu inúmeras contribuições de outros povos. Vejamos alguns;

- dos germânicos (elmo, norte, sul, esgrimir, marchar)
- dos árabes (álgebra, alecrim. Algarismo, arroz, califa,)
- dos indígenas (Iracema, carioca, jibóia, pajé, cuia,)
- dos africanos (maxixe, zabumba, acarajé, carimbo, canjica)
- do francês (intendência, bale, abajur, toalete, corveta)
- do espanhol (pepita, caudilho, cavalheiro, castanholas)
- do japonês (jiu-jitsu, quimono, gueixa, saturai, haraquiri)
- do italiano (lasanha, soneta, piano, macarrão, maestro)
- do russo (czar, mujique, soviète, vodca, rublo)

Atualmente os estrangeirismos mais usados entre nós são os de origem inglesa (lanche, bar, recorde, futebol, voleibol, uísque, hambúrguer, etc). E a todo o momento surgem neologismo (palavras), originados de raízes greco-latinas, ora de anglicismo galicismo www.filologia.org.br.

1.3 DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

1. Português continental – falado em Portugal e com vários dialetos.
2. Português insulado – falado nas ilhas europeias da Madeira e dos Açores.
3. Português ultramarino:
 - a) O brasileiro:
 - b) O índio-europeu, com os dialetos crioulos de Diu, Goa;
 - c) O crioulo de Macau;

d) o malaio-português, com os dialetos crioulos de Java, Malaca e Cingapura;

- e) o crioulo de Ceilão;
- f) O português de Timor (ilha da Oceania);
- g) O crioulo de Cabo-Verde;
- h) O crioulo de Guiné;
- i) O português de Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaça e Melinde (todas regiões africanas) www.filologia.org.br.

1.4 CURIOSIDADES DA LÍNGUA

- A Língua Portuguesa só se tornou obrigatória no Brasil no final do século XIX.
- A primeira normalização gramatical no Brasil somente apareceu no início do século XX
- A gíria "MORGADO", muito utilizada para indicar cansaço, vem da palavra "MORGUE" que em Portugal significa necrotério.
- Homossexual em Portugal é chamado de "paneleiro" e "fila" de "bicha"
- Ao contrário do Brasil, em Portugal, não é utilizado e nem aceito a utilização de vocábulos estrangeiros na formação das palavras. Exemplos:
 - Karl Max é chamado de Carlos Max
 - Trem e Bonde são chamados de Elétrico
- A Língua Portuguesa falada no Brasil não pode ser chamada de Brasileiro, pois, possui 80% de sua formação derivada do Português de Portugal.
- O Português do Brasil é chamado pelos portugueses de "Português com açúcar" devido à facilidade de ser falado e a pronuncia mais branda. <http://www.folhanet.com.br>.

2. VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

É necessário que se compreenda que as línguas variam como ponto de partida para qualquer discussão a respeito de preconceito lingüístico; é claro que isto só é possível nos afirmamos com idéias que leva em consideração a correspondência entre os fenômenos lingüísticos e os "fatos sociais". É o caso, por exemplo, dos princípios norteadores da Sociolingüística, ramo da lingüística que teve sua gênese no trabalho do norte-americano William Labov (Bagno: 1999) e que parte da premissa de que as línguas são mecanismos vivos, mutáveis, uma vez que são frutos de sociedades que estão, da mesma maneira, em constante transformação. A Sociolingüística busca, na observação sistemática – científica mesmo – das línguas no seu dia-a-dia, a compreensão de como se dá a realização dessas línguas, bem como suas transformações, em correspondência direta com o que ocorre nas sociedades que delas fazem uso. Em outras palavras, é a tentativa de ir contra a idéia de uma língua é um mecanismo estático, é que como tal, é passível de um ensino sistemático que eleja formas precisas de se utilizar bem esse mecanismo.

Se acreditarmos nos postulados da Sociolingüística – e nos acreditamos – um passo natural ao olharmos para as línguas será o de enxergá-las como alguma coisa que não pode ter uma forma fixa, uma vez que, por mais restrita que possa ser a comunidade que faz uso de uma língua, esta é composta por seres diferentes, que por sua vez, têm momentos de uso mais natural, e outros de deliberação maior com relação às escolhas a serem feitas ao enunciar uma construção lingüística. O que pretendemos explicitar com isso é que acreditamos que não se pode fazer do ensino {ou do simples entendimento} de uma língua um processo dado e resolvido de antemão e que se proponha a uma reformulação constante, analogamente ao desenvolvimento da língua em si, que quer queiramos ou não, mudará.

Isto posto, nos permitimos umas tantas conjecturas e algumas ratificações de verdades elementares no que diz respeito à observação das línguas. Dissemos que as línguas variam, mas o que realmente se pretende explicar com tal afirmação? Partamos para um raciocínio gradativo: os diferentes países têm diferentes línguas para seu uso diário e desenvolvimento das ciências, das artes, e

de toda sorte de manifestações humanas; dentro de um país (especialmente quando seu tamanho é quase continental, como é o caso do Brasil ou quando razões históricas geram uma certa cisão, como no caso do Canadá) há, não raro, a utilização de mais de um idioma, ou dialeto, ou apenas variações de uma mesma língua; se estivermos numa certa cidade, de um certo país, ainda dentro dela haverá pessoas que falam diferentemente de outras; dentro de uma mesma família não se falara da mesma maneira, cada membro dele terá uma série de características que o diferenciara dos demais. (BAGNO 1999).

Mais durante um período de tempo, se observadas as manifestações lingüísticas de um certo povo, serão notadas diferenças quando às escolhas lexicais, as construções sintáticas, as realizações, as fonéticas, etc.; que dizer de momentos ou – e muito mais – que foi exposto pode ser descrito no rol das variações lingüísticas. Variações são o resultado de um processo incessante de renovação pelo qual passa a língua, enquanto “fato social”, como o já citado.

É impossível pensar em uma língua que permaneça estática com o passar dos anos e sua utilização nos mais diferentes locais; ora, se muitas línguas de hoje, como por exemplo, o português, o espanhol, o italiano, o francês e o romeno tiveram sua origem em uma língua comum (neste caso, o latim), o que nos faz pensar que este processo de transformação parou por aí? A tendência natural deve ser por lógica, que o distanciamento das relações faz com que as pessoas falem cada vez mais diferentemente uma das outras, ao passo que o convívio estreito confere uma relativa aproximação na forma de se expressarem. Em outras palavras, as línguas variam até o nível do indivíduo, e a única força que faz com que as pessoas continuem se entendendo, que tudo não se torne um caos lingüístico é aquela que nasce das relações interpessoais, do contato com o mundo – por parte de qualquer falante. *Isto está claramente expresso nas palavras de Ronald Beline, em texto chamando “A variação lingüística” {Fiorin, 2002 ;p.128}:*

Embora o indivíduo possa utilizar variantes é no contato lingüístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para a sua variação individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, devese haver semelhanças entre a língua que ele fala e que os outros membros da comunidade falam.

É claro que essas variações não são “estanques”, não têm delimitação exata entre si, mas dispõem-se de maneiras perfeitamente explicáveis pó um observador atento. Assim como na frase de Beline acima, fica claro que quanto maior o contato entre falantes, maior será semelhança no seu modo de falar, acreditamos que – pelas mesmas razões – fica também claro que “...os limites entre duas línguas não são nítidos,mas graduais”, como bem observou Roberto G. Camacho, no seu capítulo “*A variação lingüística*”, do texto “*do texto “Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para 0 1* e 2* graus”*” {Camacho, CENPSE, 1988: p. 29}. Ou seja, da mesma forma como o português foi diferenciando do espanhol com o passar do tempo, mesmo tendo ambos uma origem comum, os falares brasileiros têm, em bem menor grau claro, diferenciações que se justificam no dia-a-dia da língua (BAGNO 1999).

2.1 Por que "norma"? Por que "cult"?

BAGNO, (2003), O livro está dividido em cinco grandes e principais blocos (**Prólogo; capítulos 1, 2 e 3; Epílogo**). E como diz o próprio editor: “*A norma oculta* desvenda o jogo ideológico por trás da defesa de um conjunto padronizado de regras lingüísticas, retira o disfarce de uma discriminação que é, em tudo, social, ao demonstrar que a própria negação da existência do preconceito lingüístico é prova mais do que eloqüente de que as coisas não podem seguir como estão”.

O autor inicialmente questiona a que tipo de norma culta se referem os que direta ou indiretamente lidam com a língua portuguesa, já que há dois sentidos para ela: **1.** o que é normal, freqüente e habitual ou **2.** o que é normativo, elaborado, regra imposta.

Normalmente, o sentido 2 é o mais usado e difundido, pois é o que “tem mais ampla circulação na sociedade”, é o “senso comum”. Segundo o autor, é mais um preconceito do que um conceito, pois trata a língua como sendo única e estática, havendo, portanto, somente uma maneira “certa” de se falar ou de se escrever. Fica parecendo que o modelo de língua é o da literatura. No entanto, sabe-se que há muito mais que a literatura escrita e que o gravador, a televisão e o rádio têm muito mais influência na vida das pessoas do que as obras literárias dos grandes autores.

A acepção 1 refere-se à linguagem concretamente empregada pelos cidadãos que pertencem aos segmentos mais favorecidos da nossa população. Ou seja, é um termo técnico usado para designar formas lingüísticas existentes na realidade social www.scielo.br/scielo.

O autor propõe novas nomenclaturas, tendo em vista alguns impasses para o uso de norma culta.

a) Norma-padrão: para designar o modelo ideal de língua; algo que está fora e acima da atividade lingüística dos falantes.

b) Variedades de prestígio ou variedades prestigiadas: para designar as variedades lingüísticas faladas pelos cidadãos com alta escolarização e vivência urbana.

c) Variedades estigmatizadas: para designar as variedades lingüísticas que caracterizam os grupos sociais desprestigiados do Brasil BAGNO, (2003).

2.2 Por uma gramática do português brasileiro

O autor BAGNO (2003), a sua preocupação em se elaborar uma gramática do português brasileiro, pois só traduzindo em normas e regras esse linguajar do dia-a-dia que, talvez, houvesse uma aceitação da palavra dos pesquisadores lingüistas.

Não deixa de refazer sua crítica à gramática normativa, que recorre somente às questões de certo e errado com caráter prescricional, não se preocupando com uma análise total da obra literária para realmente admitir que neste texto as regras funcionam mesmo. Ou seja, não basta tirar alguns exemplos, que são modelos da norma padrão, e deixar de lado todo o restante da obra. As gramáticas normativas, segundo o autor, optam pelos exemplos que, de antemão, consideram bons e bonitos.

Por isso clama pela produção de dois tipos de gramática: a prescritiva e a de referência www.scielo.br/scielo.

2.3 Norma [o]culto, a gramática não-escrita

Com muita propriedade, o autor, nesta conclusão, volta mais uma vez seus olhos para a maneira como as pessoas vêem a norma culta. Algo intransponível, de difícil acesso e "garantia suficiente para a inserção do indivíduo na categoria dos que podem falar; dos que sabem falar, do que têm direito à palavra" (p. 191). Enquanto, na verdade, sabe-se que a discriminação, de fato, é social. Não basta o domínio da norma-padrão para ser aceito na sociedade e não ser discriminado, pois as variantes de cor da pele, sexo, modo de se vestir etc. são mais importantes que qualquer diploma BAGNO, (2001),

Segundo BAGNO (2001), o autor mostra que na comparação entre o português-padrão e o português-não-padrão o maior preconceito apontado não são exatamente as diferenças lingüísticas que prevalecem, mas sim, as diferenças sociais, mostrando que esses preconceitos são comuns, como por exemplo, o étnico: o índio "preguiçoso", o negro "malandro", o japonês "trabalhador", o judeu "mesquinho", o português "burro"; o sexual: a valorização do "macho"; o cultural: o desprezo pelas práticas medicinais "caseiras", além dos sócio-econômicos: como a valorização do rico e o desprezo pelo pobre; entre outros.

Segundo o seu livro "A língua de Eulália" "A visão que temos é muito clara a respeito das variáveis ou dialetos, já que isso acontece com outras línguas, como o inglês e o italiano, além do português. O preconceito não está na língua, mas em quem a fala. Quem diz "nós vai" ou "a gente fomos" é o pobre, miserável, inculto, analfabeto, como Eulália, a empregada de Irene, que se alfabetizou aos 40 anos de idade, quando disse "os probrema", "os fósfro" (p. 14), causando o riso das amigas de Vera. Mas o que elas não sabiam é que Eulália falava sua "língua materna". Essas formas são desprezadas, consideradas feias e erradas. Mas, para mudá-las, é preciso, antes, dar casa, comida, saúde e educação, em vez de exigir que milhares de brasileiros façam a conjugação correta dos verbos e marginalizá-los ainda mais do que já são por não terem acesso a mais isto.

3. O USO INDISCRIMINADO DA GRAMÁTICA

As Gramáticas normativas escritas tendem a abraçar todo um território nacional e todo o volume lingüístico para criar um conformismo lingüístico nacional unitário, que por outro lado coloca o individualismo expressivo' num plano mais alto, porque cria um esqueleto mais forte e homogêneo para o organismo lingüístico nacional, do qual cada indivíduo é o reflexo e o intérprete. (Lo Piparo, 1979, citado por Bechara, 1985, p. 32).

Os próprios livros didáticos induzem o professor de língua portuguesa a atitudes tradicionalistas. Ao receber um texto produzido por um aluno, o primeiro passo do professor é procurar imediatamente os "erros", direcionar toda a sua atenção para a localização e erradicação do que está "incorreto".

Sobre isso, Marcos Bagno escreveu:

É uma preocupação quase exclusiva com a forma, pouco importando o que haja ali de conteúdo. É sobretudo, aquilo que chamo de paranóia ortográfica: uma obsessão neurótica para que todas as palavras tragam o acento gráfico, que todos os tenham sua cedilha (...) Ora, saber ortografia não tem nada a ver com saber a língua. A ortografia oficial é fruto de um decreto, e fica muitas vezes sujeita aos gostos pessoais ou à interpretações dos fenômenos lingüísticos por parte dos filólogos que ajudam a esclarecê-la. (Bagno, 1999, p. 131-132).

O autor nos convida a abandonar a idéia de que quem não acompanha as normas dos livros escreve "tudo errado", pois para ele o aprendizado da ortografia se faz pelo contato íntimo e freqüente com textos bem escritos, e não com regras mal elaboradas ou com exercícios pouco esclarecedores. Os livros deveriam nos induzir a questionar se o que lemos é coerente, traz idéias originais, ensina-nos alguma coisa.

Se os livros didáticos induzem os professores a agirem de maneira castradora, é sinal de que algo não está correto. No ensino da língua portuguesa, pouca tem sido a atenção dada à questão do preconceito que o falante (aluno) enfrenta em certas situações de uso efetivo da língua. O português tornou-se um problema para muitos alunos, que chegam ao

ensino universitário encarando a língua como um fenômeno isolado, descontextualizado, fora da situação de interlocução.

Os alunos se perdem e assustam porque há um uso indiscriminado da gramática, que faz com que eles decorem infinidades de regras e colocações julgadas corretas, seguindo as normas de uma gramática padrão, que nem sabem se é capaz de existir, pois alguns autores tomam por base a língua exemplar, enquanto outros tomam por base a língua coloquial. Segundo Bechara (1990) :

"E agora está cada vez mais difícil estudarmos a língua, porque na escola, de modo geral, só se estuda sobre a língua e não a língua. Sabemos muito das teorias gramaticais, mas sabemos pouco do funcionamento da nossa língua" (Bechara, 1998, p. 35).

O que sucede é que a língua portuguesa ainda não está exhaustivamente estudada, sendo um objeto estranho para os próprios gramáticos, que desconhecem de onde vem e até onde vão suas regras, flexões e concordâncias.

4. PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

Para podermos falar sobre preconceito lingüístico, deveríamos nos questionar sobre a real função da língua. Podemos dizer que a língua nos seus primórdios tem a função de intermediar os pensamentos que servem de base para a comunicação entre as pessoas. A língua serve para comunicar, para se fazer entender. Então se disséssemos, no Brasil: "tudo corrêro quando o boi se soltou-se", estaríamos não sendo compreendidos? Estaríamos falando outra língua que não a portuguesa? Ou de fato estaríamos falando outra língua, a brasileira?

As pessoas falam para serem "ouvidas", às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos.

Preconceito, segundo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda é, "idéia preconcebida, suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, ou religiões. (Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda). Portanto, Preconceito Lingüístico, seguindo essa linha de definição e baseando também em autores lingüistas que defendem essa idéia, vêm a ser como para Bagno (1999) "um resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica". (Bagno, 1999, p. 13). Para Gnerre (1991), em seu livro *Linguagem, Escrita e Poder* o Preconceito Lingüístico é usado para elitizar a comunicação, tornando, assim, mais difícil a compreensão das leis por aqueles que não utilizam a forma culta para se comunicar, facilitando a dominação. Por isso, Bagno *começa por dizer que tratar da língua é "tratar de um tema político"* (Bagno, 1999, p. 9) ressaltando que só existe língua se houver seres humanos que a falem. A comunicação, portanto, dá-se numa linguagem culta ou coloquial, dependendo somente de quem fala e de quem ouve.

Devido a essa politização da língua, é que a sociolingüística, através desses representantes, entra em defesa contra esse preconceito que atinge a língua portuguesa brasileira e diretamente discrimina seus falantes, principalmente os da classe menos privilegiada. Essa discriminação preconceituosa se dá porque estamos envolvidos em um "jogo" de certo e errado que domina a nossa sociedade em relação à língua.

Em defesa, a essa classe, dando o direito de igualdade no uso da língua é que Maurízzio Gnerre (1985) em seu livro sobre a linguagem diz: "A Constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender".

Os cidadãos, apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida. *A maioria dos cidadãos não tem acesso ao código, ou às vezes, tem uma possibilidade reduzida de acesso, constituída pela escola e pela "norma pedagógica" ali ensinada.* (Gnerre, 1985, p. 10)

A discriminação social começa, portanto, já no texto da Constituição. Não se trata de dizer que a Constituição deveria ser escrita em Língua Não Padrão, mas sim que a Língua Padrão fosse acessível a todos independentes da condição social, pois como afirma Bagno: *"Da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua"*, (Bagno, 1999, p. 16) e completa dizendo que "são chamados de 'os sem língua' por não terem acesso à língua ensinada na escola". Bagno, (1999, p. 16). Sendo a língua, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN, 1997, P.24) *"Um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade"*, então o homem é um ser social, historicamente falando, isto quer dizer que, como na Ciência, História, Geografia ..., a língua também sofre alterações no passar dos tempos através da necessidade que o homem tem de realizar mudanças. Para afirmar que existe Preconceito Lingüístico no Brasil, Bagno se contrapõe a Darcy Ribeiro quando diz:

É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são hoje, um dos povos mais homogêneos lingüística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos. (Darcy Ribeiro, 1995, citado por Bagno, 1999, p. 15)./xz

Para Bagno, esse é um "(pré) conceito irreal da unidade Lingüística do Brasil", pois, para ele, no Brasil há sim, diversidade e variabilidade da Língua Portuguesa que precisa ser respeitada. Bagno cita em seu livro "Preconceito

Lingüístico", palavras de Stella Maris, num artigo publicado com o título "Problemas de Comunicação interdialeto" no qual diz:

A idéia de que somos um país privilegiado, pois do ponto de vista lingüístico tudo nos une e nada nos separa, parece-me, contudo, ser apenas mais um dos grandes mitos arraigados em nossa cultura. Um mito por sinal, de conseqüências danosas, pois na medida em que não se reconhecem os problemas de comunicação entre falantes de diversas variedades da língua, nada se faz também para resolvê-los. (Bortoni-Ricardo, 1984, citado por Bagno, 1999, p. 18).

Tomando também por base essas palavras, Marcos Bagno diz que o fato de no Brasil o Português ser a língua da imensa maioria da população, não implica automaticamente que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo. Continua ainda em defesa dessa idéia, ilustrando de maneira muito interessante a diversidade lingüística do nosso país.

Português é um grande 'balaio de gatos', onde há gatos dos mais diversos tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém-nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos etc. Cada um desses gatos é uma variedade do Português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional. Cada um desses "gatos" é uma variedade do português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional. (Bagno, 1999, p. 18).

Apesar de sua diversidade, a Língua Portuguesa não deixa de ser nossa língua, porém cada indivíduo em seu meio/região, adapta-se à sua maneira de comunicação. Bagno concorda com Sergio Nogueira (1990) quando fala em seu livro:

"Língua Viva" sobre uma questão a qual ouviu em uma de suas viagens: "Onde se fala o melhor português? Só pode ser em Portugal". Sérgio ainda comenta dizendo: "Já viajei muito pelo Brasil e já estive em todas as regiões. Sinceramente, não sei onde se fala melhor. Cada região tem suas qualidades e seus vícios de linguagem". (Nogueira, 1997, p. 65).

Sendo assim, a idéia de que brasileiro não sabe Português, porque português é muito difícil, por isso pessoas sem instrução falam tudo errado e de que o certo é falar tal como se escreve, para Bagno é um mito muito preconceituoso em nosso país, e isso nos leva a pensar numa imposição da língua em que a Gramática Normativa seja superior à comunicação do ser humano. Essa idéia de que brasileiro não sabe falar Português, trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração em geração pelo ensino tradicional da Gramática na escola.

Bagno afirma que brasileiro sabe falar português sim, e explica essa afirmativa dizendo que "nosso português é diferente do português falado em Portugal". (Bagno, 1999, p. 23) Por termos sido colônia de Portugal, foi mais cômodo dar-se o nome à nossa língua de Português, sendo o que tenha levado a isso, o próprio curso da história. Devido à visualização das alterações da Língua Portuguesa, no passar dos anos, é que nossa língua sendo viva sofre mudanças e é por isso que alguns lingüistas, hoje, preferem denominar nossa língua de: português brasileiro, mostrando que ela não é e nem poderia ser o Português de Portugal porque não vivemos lá e sim aqui.

O autor, em sua principal obra, descreve a existência de um círculo vicioso de preconceito lingüístico composto de três elementos: o ensino tradicional, a gramática tradicional e os livros didáticos. Na visão de Bagno, isso não funciona assim, "a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores, fechando o círculo, recorrem à gramática tradicional como de fonte de concepções e teorias sobre a língua", diz o autor.

A maneira como o ensino é administrado tem sido estudada pelo Ministério da Educação e nos Parâmetros curriculares nacionais reconhece que há muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objetos de avaliação negativos. Bagno cita o quarto elemento como sendo os comandos paragramaticais, ou seja, todo esse arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programadas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, cd-rom, "consultórios gramaticais" por telefone e por a fora, que é a "saudável epidemia" citada por Arnaldo Niskier.

De acordo com Bagno, o formidável poder de influência dos meios de comunicação e dos recursos da informática poderia ser de grande utilidade se fosse usado precisamente na direção oposta: na destruição dos velhos mitos, na elevação da auto-estima lingüística dos brasileiros, na divulgação do que há de realmente fascinante no estudo da língua.

Ainda temos a autora Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1998), que nos chama a atenção para a falsa idéia de que o é Brasil um país monolíngüe, e esse fator ainda é extremamente veiculado, seja pela escola, seja pelas instituições sociais, políticas ou religiosas, seja pela mídia. A aceitação de um Brasil monolíngüe gera um grave problema, *"pois na medida em que não se reconhecem os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua, nada se faz também para resolvê-los"* (Bortoni-Ricardo, 1984, p. 9 apud Bagno). Paradoxalmente, com tantas referências aos povos indígenas na imprensa devido à comemoração dos "500 anos de Brasil", ainda nos esquecemos das línguas indígenas.

Para a aurora também não levamos em conta as variantes do português em contato com idiomas estrangeiros nas colônias de imigrantes. Por fim, não são consideradas todas as variantes lingüísticas do português, sejam regionais ou sociais. Ainda dá status falar "corretamente", na idéia ingênua de que a língua dita culta é uma ponte para a ascensão social. Quem não domina a variante padrão é marginalizado/a e ridicularizado/a: na hora de preencher uma vaga profissional, num concurso vestibular, numa situação de conferência, na escola. Essa variante padrão, no entanto, é reservada a uma ínfima parte da população brasileira (a mesma que detém o poder econômico e político). Não é difícil perceber que o modo de falar "correto" é aquele dessa elite e que o modo "errado" é vinculado a grupos de desprestígio social.

Voltando a Marcos Bagno (1999), há no Brasil uma "mitologia" do preconceito lingüístico, que prejudica toda a nossa educação e nossa formação enquanto cidadãos para além de um termo teórico. Bagno enumerou oito mitos que, no conjunto, servem para solidificar e transmitir a visão (essa sim, errada) de que o Brasil apresenta uma unidade lingüística e que são os/as brasileiros/as que não sabem falar português corretamente (portanto, não há dialetos, variantes, mas sim deformações do português).

Do ponto de vista científico, tais afirmações chegam a ser ridículas e só conseguimos defendê-las a partir de argumentos como: "é certo falar/escrever assim porque assim ensina a Gramática", "é correto isso porque em Portugal se faz dessa maneira", "essa forma é feia, não soa bem, não é de bom tom". A eleição de uma

variedade "cultura", padrão tem a ver com causas políticas e históricas, não lingüísticas strictu sensu. Ao estudar com seriedade e sem preconceitos a língua, o que percebemos é que todas as variantes são "corretas", que todos sabem gramática e que há regularidades no que se convencionou chamar de "erro" gramatical.

Outro equívoco que contribui para a disseminação do preconceito lingüístico é restringir à gramática o ensino da língua. Cada vez mais acredita-se que o domínio da gramática normativa garante leitores/escritores críticos e ativos. Essa falsa noção é largamente difundida, tanto na escola, como em inúmeros manuais "inovadores", colunas de jornais e programas de rádio e televisão. Não é preciso muita investigação científica para desmistificar tal noção. Ao descrever seu objeto de estudo, os gramáticos têm a falsa idéia de que o compreenderam. Exclui-se, dessa forma, todas as variáveis que interpelam a linguagem e a constituem (fatores biológicos, sociais, históricos, políticos, culturais, afetivos etc.).

O preconceito lingüístico acaba sendo mais uma arma daqueles que mantêm o poder em suas mãos. A marginalização lingüística restringe o acesso a documentos vitais ao cidadão, como a constituição e os contratos. A cidadã ou o cidadão que não domina a variedade padrão está privado de seus direitos.

A importância de se trabalhar explicitamente com o preconceito lingüístico pode ser expressa pelo que diz Guacira Lopes Louro (1997, p.65):

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente - tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito 'natural'. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários (...) supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças.

Segundo o artigo de Rodrigues (Unicamp), o que se vê, no entanto, é a abordagem assistemática e até mesmo a omissão da questão. Os manuais, quando se referem às variedades lingüísticas, deixam transparecer que são peculiaridades da fala, que devem ser evitadas em situações formais ou na escrita. Apesar da maioria dos livros didáticos não apontarem mais a fala como o lugar do erro (Cf.

Marcuschi, 1997, p.45), ela não é estudada sistematicamente, o que poderia ser uma atividade relevante para "analisar em que sentido a língua é um mecanismo de controle social.

Percebe-se nos manuais a dicotomia linguagem formal (padrão/escrita) e linguagem coloquial (variante/fala); há uma clara tendência à valorização da linguagem formal, ressaltando seu uso em instâncias públicas e como instrumento de poder. Como se vê, os manuais didáticos adotam o conceito de "adequação" proposto pelos PCN, ensinando uma língua e uma linguagem desvinculadas da realidade e preconceituosas. Pelos manuais analisados e baseando-nos no estudo que Marcuschi (1997) fez de mais de 50 livros didáticos, podemos afirmar que a escola ainda se esquece da diversidade cultural e lingüística de seus alunos e alunas. www.unicamp.br.

... "a intimidade com a gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria". Luis Fernando Veríssimo

5. LINGUAGEN COMO MARCA SOCIAL

A língua escrita possibilita a língua falada. Ambas se encontram interligadas num elo. Para que uma seja possível é necessária à existência da outra.

A língua é um instrumento que tanto pode dar poder quanto discriminar seus usuários. E através dela, da maneira como é utilizada, que avaliamos o grau de instrução do locutor.

Por exemplo ao ouvirmos a frase:

"Grêmio reverte o placar no Estadio Olimpico"

Recebemos não apenas essa informação de que o Grêmio esta vencendo, mas também (ao menos é essa a imagem que passa) que a pessoa fala uma lingua portuguesa padrão, que provavelmente frequentou a escola e que pertence a uma classe social mais alta, pois em outras situações a informação seria passada da seguinte forma:

"Grêmio vira o placar" ,

"Grêmio tá ganhando" ou até

"O Grêmio goleô o Fruminense", por exemplo.

Nesses exemplos há a mesma informação, mas passa a imagem de uma pessoa que não fala a língua padrão e que provavelmente não teve oportunidade de frequentar a escola por muito tempo, que pertence a uma classe mais pobre, ou seja, a linguagem é vinculada à vida social.

A linguagem "futebolista" incorpora e aceita diversas variedades lingüísticas de diferentes segmentos sociais e muitas vezes adotam o uso do vocabulário do povão, usando termos como pancadas, cacetadas, frangos, afinal fica difícil dar uma de acadêmico no final de um campeonato. Criando, desta forma, um elo com o espectador, sendo este, muito rentável às emissoras. Ao mesmo tempo que adotam uma linguagem que se aproxima do público também usam a linguagem mais formal, pois é um futebol da mídia , em que o tom coloquial é socialmente mais controlado e dirigido, assim conseguem constuir uma imagem mais verbal vinculando o português puro com os jargões esportivos que normalmente fazem referências à violência e criatividade. (FARACO;TEZZA,2003. Pgs 50;51)

E às vezes por causa dessa confusão entre uma coisa e outra que a linguagem acaba sendo um terreno fértil para o preconceito e que em geral a escrita é muito homogênea e então esperamos que a fala também seja assim, sendo isso quase impossível, pois a fala é "improvisada" ao contrário da escrita que obedece sempre alguma organização prévia. (FARACO;TEZZA,2003.p.12)

Ainda a fala depende muito da situação, das intenções, momento, e até mesmo da região que você está, pois naturalmente que mesmo que você frequentou a escola, e fala uma língua padrão em determinadas situações vai agir de forma diferente como é o caso dos meios de comunicação - rádio, televisão e jornal – que adotam uma curiosa posição em relação a linguagem que utilizam em seus programas, pois o comunicador tem a obrigação de estar sintonizado com todos os indivíduos da sociedade para que sua mensagem chegue de modo adequado ao receptor, e assim ter uma boa audiência.

Há diversos exemplos de programas que adaptaram sua linguagem de acordo com o público alvo. Um exemplo disso é o Ratinho quem em seu programa fala errado, ou melhor, "fala como todo mundo fala", passando a imagem de ser "ignorante" por não usar uma linguagem mais "cult", mas seu público alvo são as pessoas de classe mais baixa e inferior grau de escolaridade. Então o apresentador ao falar "nós vai pegar eles..." aproxima-se ao seu telespectador, fazendo com que este se identifique com o seu programa, visto que ele fala desta maneira.

Em entrevista concedida à apresentadora Babi, do programa Livre, Ratinho afirmou que "força" o modo como fala, afirmando que, por vezes, opta por falar "errado" para que o seu público se identifique com ele. Babi, após a entrevista, surpresa com o modo "correto" que Ratinho falou, tão diferente da forma falada durante o programa dele, disse a preconceituosa frase: "ele fala tudo certinho, não fala nada 'errado'." Babi, assim como muitos considera "errado" a variedade existente na língua portuguesa Revista "O Gam" paginas terra.com.br.

Considerando o ponto de vista da apresentadora Babi, pode-se dizer então que ela também fala "errado", visto que a linguagem de seu programa, destinado ao público jovem, é repleta de gírias e composta por um vocabulário erótico.

Os meios de comunicação estão dos dois lados, combatendo o preconceito e fortificando o mesmo.

Outro exemplo também quando Solange no mês de abril foi ao Faustão. A ex-participante do Big Brother Brasil 4 deu uma entrevista ao Faustão onde passou o tempo inteiro chamando Fausto Silva de Pedro Bial!! Até o ponto em que o Faustão desistiu e entregou os pontos: "Quer falar errado, meu? Pode falar! No domingo, você está em casa. Ô loco!"

Com tamanho incentivo Solange se soltou. Se já falava errado falou ainda mais disse que "Estava sempre se policiando por que ficava com medo de falar errado", basicamente Sol disse que se sentia magoada com a inteligência dos demais participantes. E Fausto Silva defendeu o direito de Solange ser uma ignorante. Depois disso surgiram vários comentários maldosos do "fiasco" que Solange fez em rede nacional, também pudera a frentista mostrou ao vivo que deve se candidatar o mais rápido possível à academia brasileira de letras. Mais uma vez percebemos que a linguagem está vinculada à classe social.

Enfim, não existem mais linguagens puras ou padrões melhores ou piores. O que existe são variações e conforme as necessidades o aperfeiçoamento (afinal toda atividade requer um vocabulário próprio). A linguagem culta é ideal em certas condições e, em outras, não. Até palavrão é ideal algumas vezes. Mesmo assim como podemos observar nos exemplos acima o português não-padrão é vítima de preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da Língua Portuguesa ser derivada do Latim e de ter tido toda uma influência do Germânico, Grego, Árabe, Russo, Tupi-Guarani etc...Devido à expansão, podemos ver que não se impôs completamente, a não ser em alguns países como o Brasil num passado próximo.

Mesmo com mutações profundas no passado, ainda possui fôlego para continuar se transformando e criando diferenças inimagináveis dentro da mesma língua, tornando-se uma das Línguas mais complexas e difíceis de serem aprendidas devido a grande variedade e vida que a mesma possui.

Conclui-se quem não acompanha as normas dos livros didáticos escreve errado e para o aprendizado de uma ortografia se faz mediante a trabalhar com textos bem escritos, e não com regras mal elaboradas e com exercícios poucos esclarecedores. O preconceito lingüístico acontece porque entende-se que o mesmo não está na língua e sim em fala. Falar errado é denominado como o miserável o pobre, Inculto, analfabeto. Essas formas são desprezadas feias erradas, para desconstruí-las tem a necessidade de se mudar as condições sociais das pessoas dando-lhes comida, casa saúde, educação.

Segundo Bagno (1999 p. 16):

"Da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua e completa dizendo que "são chamados de 'os sem língua' por não terem acesso à língua ensinada na escola". Bagno, (1999, p.

16). Sendo a língua, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN, 1997, P.24) "

Enfim, não existem mais linguagens puras ou padrões melhores ou piores. O que existe são variações e conforme as necessidades o aperfeiçoamento (afinal toda atividade requer um vocabulário próprio). A linguagem culta é ideal em certas condições e, em outras, não. Até palavrão é ideal algumas vezes. Mesmo assim como podemos observar nos exemplos acima o português não-padrão é vítima de preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico. O que é, como se faz.** 2ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 1999.

_____, Marcos. **A Língua de Eulália** Ed. Contexto na Estante. 2001.

_____, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira.** 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?** 7ª ed. São Paulo: Ática, 1993. Série Princípios.

CAMARA JR, J. Mattoso. **Princípios de Lingüística Geral.** 4ª edição. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro. 1970.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LOURO. G. L. (1997) **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes.

MAIA, João Domingues, **Português Maia**, Editora Ática, 2002, São Paulo-SP.

MARCUSCHI, L. A. 1997. **Concepção de Língua Falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica.** *Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada*, IEL. UNICAMP.

TERRA, Ernani, **Português, volume 1: ensino médio**/Ernani Terra e Jose de Nicola – São Paulo: Scipione, 2000. – (Coleção Novos tempos).

HELVÉCIA Heloísa. **Cada um com a sua língua**; Disponível em: Acesso em: 21/09/2008.

SITE:

<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/>Acesso 05/09/2008.

<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/cadaum.htm> .Acesso em 25/09/2008.

<http://www.folhanet.com.br/portrasdasletras/curiosidades.html>.Acesso 25/09/2008.

<http://www.folhanet.com.br>. Acesso 25/09/2008.

www.scielo.br/scielo.Acesso 28/09/2008.

Revista "O Gam" paginas terra.com.br. 28/09/2008.

